



A DOCÊNCIA EM PRIMEIRA PESSOA E A EDUCAÇÃO CRÍTICA COMO FERRAMENTAS PARA UM MUNDO CONECTADO

SANTOS, Vitória - Pecma UNIFESP¹

VIESBA, Everton - UNICID²

ROSALEN, Marilena - UNIFESP³

¹ Mestranda do PECMA-UNIFESP. vitoria.cristina21@unifesp.br

² Doutorando do PPGE-UNICID. eviesba@gmail.com

³ Professora adjunto, PECMA-UNIFESP. marilena.rosalen@unifesp.br

RESUMO

Existir implica dinamismo, aprendizados e vivências, de forma que, para além do contexto individual, existe o contexto externo. Nesse sentido, na perspectiva da formação docente, urge refletir sobre si e o âmbito presente, bem como, suas modificações ao longo da história. Deste modo, este trabalho tem como objetivo analisar a narrativa autobiográfica enquanto metodologia, discutindo suas potencialidades e limites como recurso formativo na trajetória de professores. Enquanto recorte de pesquisa de mestrado, busca-se compreender, à luz da literatura especializada, de que forma o método autobiográfico se constitui como ferramenta reflexiva capaz de contribuir para a formação docente. Marie-Christine Josso destaca que o ser humano é fruto de um contexto coletivo e cultural do qual faz parte, de maneira que suas reflexões explicitam esses fatores. Assim, é reiterado no pensamento de Freire que o diálogo do ser humano com seu entorno o torna um sujeito histórico. Ainda no viés do pensamento freiriano, é destacada a educação para a decisão, para a responsabilidade social e política. A partir desses três pontos, pretende-se discutir a relevância do método autobiográfico enquanto estratégia pedagógica e investigativa, considerando sua capacidade de articular experiências pessoais e saberes profissionais, para evidenciar a prática da autorreflexão enquanto promotora da responsabilidade social. O trabalho se vincula à ST4 – *A formação de professores frente aos desafios de um mundo conectado*, por destacar a relevância do método autobiográfico como prática formativa que possibilita integrar experiências individuais e coletivas às demandas de uma educação crítica e contextualizada. Em um contexto macro, volta-se para a sociedade e o que é levantado no microcosmo da realidade do educador pode representar inúmeras realidades, atingindo assim um arcabouço que pode ser avaliado na perspectiva de quais são os desafios frente ao mundo conectado.

Palavras-chave: Narrativas autobiográficas; Educação crítica; Mundo conectado.

1. INTRODUÇÃO

Buscando alinhar a perspectiva da Educação Crítica, e um recorte da pesquisa de mestrado intitulada “Formação de professores-pesquisadores em Ciências e Matemática: Reflexões a partir de Narrativas autobiográficas” serão explicitados pontos de convergência entre o que é levantado pela Educação Crítica e o trabalho citado na perspectiva de um mundo conectado.

A formação docente, na contemporaneidade, tem sido tensionada por múltiplas forças: a aceleração tecnológica, a cultura algorítmica e a precarização do trabalho docente. Essas condições exigem uma pedagogia que vá além da adaptação às tecnologias, buscando nelas a mediação de práticas emancipadoras (SANTOS; SOUSA, 2020). Assim, discutir a narrativa autobiográfica e a Educação Crítica à luz de um mundo hiperconectado é também refletir sobre os modos de existir e ensinar na era da informação e da desinformação.

De fato, são inúmeros os desafios que permeiam a formação docente no contexto recente. E estar sob um âmbito social cada vez mais conectado, influenciado pelas redes sociais e novas tecnologias, em desenvolvimento é um fato.

Dissociar a formação de professores e sua atuação do contexto social não é possível, pois estes sofrem impactos diretos, do meio nos quais estão inseridos. Nesse contexto podem ser suscitados questionamentos como: Como a formação docente deve ser pensada diante dos novos desafios? De que forma o processo de ensino-aprendizagem deve ser pensado? O currículo presente na graduação e pós-graduação deve ser estruturado de que maneira nesse cenário?

Diante dessas questões, foi percebido por meio das reflexões da presente pesquisadora e o seu contato com a matéria de mestrado Educação Crítica, o quanto a Educação Crítica e o estudo de Narrativas dialogam entre si e se complementam em seus significados e podem ser ferramentas importantes para embasar as discussões supracitadas.

Portanto, por meio de uma análise teórica de referências dessas duas áreas, busca-se elucidar possíveis vias de reflexão no contexto da formação docente.

2. DESENVOLVIMENTO E/OU REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

Primordialmente, um dos pontos suscitados por meio da educação crítica são fatores intrínsecos às relações de poder presentes no contexto educacional, nas quais podem ser evidenciadas desigualdades (Educação Crítica - Análise internacional), questionadas pela pedagogia crítica. Dessa mesma forma, o estudo de narrativas na formação de professores-pesquisadores são ferramentas primordiais para provocar a reflexão sobre o meio no qual se insere o educador. Já que, assim como enunciado por Passeggi (2021) o educador, na construção da narrativa, faz um movimento introspectivo e retrospectivo, portanto, este faz uma análise interna e de sua trajetória até o momento. Tal movimento evidencia sob qual contexto educacional ele esteve submetido no seu percurso de formação.

Portanto, é possível identificar que a Educação Crítica busca romper com determinados paradigmas presentes na educação, não aceitando padrões existentes, mas buscando refletir a respeito deles e como se deve agir frente a isso. Dessa maneira, ela aproxima a reflexão dos indivíduos que compõem a sociedade. Assim, como destaca Nóvoa (1988) na existência do professor-pesquisador enquanto produtor de conhecimento, não mero receptor do que advém da academia, pois este é passível de refletir sobre suas práticas e processo de formação.

De encontro com Paulo Freire, um dos expoentes da pedagogia crítica, é possível

vislumbrar pensamentos como:

“[...] existir é um conceito dinâmico. Implica uma dialogação eterna do homem com o homem. Do homem com seu Criador. É essa dialogação do homem sobre o seu contorno e até sobre os desafios e problemas que o faz histórico.” (Paulo Freire, 2015, pg. 09)

Existir implica dinamismo, aprendizados e vivências, de forma que, para além do contexto individual, existe o contexto externo. Nesse sentido, urge refletir sobre si e o âmbito presente e suas modificações ao longo da história. Dessa maneira, vê-se o que Marie-Christine Josso (2009) traz no trabalho “O caminhar para si”, que destaca que o ser humano é fruto de um contexto coletivo e cultural do qual faz parte, de maneira que suas reflexões explicitam esses fatores. Assim, é reiterado o pensamento de Freire ao destacar que o diálogo do homem com seu entorno o torna um sujeito histórico.

Ainda no viés do pensamento freiriano, é destacada: “Uma educação para a decisão, para a responsabilidade social e política” (Educação como prática da liberdade, 2015). A partir desses três pontos, é destacada a prática da autorreflexão presente no método autobiográfico enquanto promotora da responsabilidade social, já que, conforme o supracitado, o educador é passível de refletir sobre sua formação e o meio que o circunda, então enquanto professor-pesquisador produtor de conhecimento ele é co participante e agente desse meio. Podendo assim, além de refletir sobre as problemáticas de sua atuação e formação, pensar com propriedade a respeito de passos práticos para o enfrentamento do que circunda a realidade da docência e do ensino-aprendizagem. Em um contexto macro, volta-se para a sociedade e o que é levantado no microcosmo da realidade do educador pode representar inúmeras realidades, atingindo assim um arcabouço que pode ser avaliado na perspectiva das políticas públicas.

Nesse cenário digital, emerge a necessidade de compreender as tecnologias não apenas como ferramentas, mas como ambientes culturais (KENSKI, 2012). Para Freire (2015), a autonomia nasce no diálogo; assim, no contexto virtual, é preciso resgatar o diálogo pedagógico mediado por tecnologias, garantindo que o professor se mantenha sujeito crítico e não mero executor de conteúdos prescritos por algoritmos ou plataformas.

Não obstante, a Educação Crítica não se restringe a visão do educador, ela também se direciona ao discente, como participante direto do processo de ensino e aprendizagem. De modo que, o aluno não é um ser passivo no ambiente que ocupa, assim como explicitado em Biologia da Autonomia:

“O ensino intervém e provoca perturbações em um ser humano que está em desenvolvimento constante. Na educação escolar, a aprendizagem está centrada em sua maior parte na relação entre o indivíduo e o meio; sendo assim, haverá interação e percepção de perturbações que podem estar de acordo com os objetivos do professor. Para conseguir vislumbrar essa perspectiva contínua, a mesma deve estar em evidência para quem a observa, à perspectiva de um presente contínuo cambiante (MATURANA, 2001) que pode ser compreendido com o auxílio do conceito de temporalidade, na qual o ser humano pode se projetar e interferir na realidade.” (apud Herbert, 2017, p.164)

A partir dessa visão, no contexto da autorreflexão o professor se insere por meio do movimento retrospectivo, mas também inspetivo e prospectivo (PASSEGGI, 2011) por meio da sua trajetória enquanto discente. Assim, ele recorre à sua formação na educação básica e olha para si enquanto docente e para o modo como os alunos podem ser impactados frente à sua atuação. Nesse sentido, há a provocação de que forma a pedagogia crítica pode ser inserida,

como o olhar dos alunos podem ficar mais apurados para enxergar quais são os vieses dentro de dado conteúdo ou determinada discussão, quais estereótipos sociais estão sendo reforçados, quais relações de poder. Pois, os alunos já têm uma base de conhecimento pré-existente conforme sua experiência de vida e, nesse âmbito, o educador tem o papel de mediar e suscitar o olhar crítico.

Ao narrar-se, o educador constrói significados sobre o próprio fazer, constituindo o que Larrosa (2015) denomina “experiência formadora”: um processo no qual o sujeito é transformado por aquilo que o afeta. A narrativa, portanto, não é mero registro; é um exercício de formação e reinvenção de si, um modo de compreender a docência como prática ética e estética.

Em contrapartida, à educação crítica pode-se elucidar a educação para a massificação, na qual não é buscado o questionamento ativo da realidade vigente:

“O sujeito na temporalidade é único nas suas perspectivas do mundo, ele tem um histórico, tem fundamentos e raízes que o individualizam na reflexão. Dessa forma, o processo reflexivo age como uma catapulta para temporalizar o sujeito; no entanto, no processo educativo escolar não há indivíduos e sim turmas, salas e grupos massificados onde a aprendizagem mecânica, apenas por memorização, gera acomodação e impede a inserção transformadora na realidade” (Herbert, 2017, p.165)

Portanto, o olhar reflexivo permite o vislumbre das defasagens de uma educação mecânica, mera reprodutora de conteúdo. Havendo, a projeção para o futuro de uma sociedade que reforça desigualdades, exclusões, dentre outros. Ao passo que, urge diante de um mundo em constante transformação o olhar para além da reprodução do que se aprende, mas o pensamento crítico e estratégico a partir do conhecimento adquirido.

3. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS DA PESQUISA E RESPECTIVA ANÁLISE TEÓRICA

O método autobiográfico se caracteriza como um relevante meio de reflexão e formação docente, por relacionar dimensões pessoais, profissionais e sociais da trajetória do educador. As narrativas permitem refletir a respeito do percurso formativo como um espaço de significação constante, no qual o professor reconhece suas vivências, revisita suas experiências e as interpreta a partir do contexto histórico e social em que se insere. No meio contemporâneo, permeado pela conectividade e pela velocidade das transformações sociais e tecnológicas. A formação docente exige uma postura crítica e reflexiva que não se limite a mera reprodução de saberes e promova o autoconhecimento.

O mundo conectado redefine o próprio sentido de tempo e memória. As narrativas autobiográficas, nesse contexto, funcionam como resistência à efemeridade e ao esquecimento digital (BAUMAN, 2011). Narrar-se é também desafiar o imediatismo das redes e reafirmar a profundidade da experiência docente em meio à velocidade das informações.

Na visão de Marie-Christine Josso (2009), a construção de narrativas possibilita que o sujeito reflita sobre as marcas do contexto coletivo e cultural que o constitui. Tal contexto evidencia que o processo de aprender e ensinar não é neutro. Esse âmbito reflexivo é ampliado quando se destaca o pensamento de Paulo Freire (2015), para quem o diálogo com o seu entorno é o que torna o ser humano histórico e ciente de sua responsabilidade social e política. Nesse sentido, a elaboração de narrativas torna-se um instrumento para refletir sobre como as experiências formativas dialogam com os desafios contemporâneos — desafios intensificados

pela hiper conectividade e pela exposição a novas formas de interação e aprendizagem.

Os resultados provenientes da análise teórica destacam que o exercício narrativo autobiográfico se relaciona com uma tomada de consciência a respeito dos percursos formativos, levando o professor a identificar os pontos que influenciaram sua prática e entender os desafios enfrentados na rotina educacional. De acordo, com o que elucida Passeggi (2021), o movimento retrospectivo, introspectivo e prospectivo que constitui a escrita destacada viabiliza que o educador encontre a autocompreensão, ao promover a ressignificação de sua trajetória. Essa autorreflexão permite o reconhecimento dos limites e das potencialidades das tecnologias digitais, analisando-as como mediadoras de processos formativos.

Ademais, a relação entre o método autobiográfico e a Educação Crítica revela-se como um ponto central de análise. Ao propor uma leitura de si enquadrada social e histórico, a narrativa autobiográfica rompe com a lógica da educação massificada, caracterizada pela reprodução mecânica de conteúdos (Herbert, 2017). Ela promove a autorreflexão e o olhar crítico, possibilitando que o educador vislumbre as relações de poder, as desigualdades e as narrativas predominantes dentro da educação no contexto conectado. Essa ciência o torna capaz de atuar de maneira mais autônoma e ética nas práticas atreladas às tecnologias, incitando a construção conjunta do conhecimento e a valorização da experiência humana.

Em síntese, os resultados desta análise teórica permitem expor que o método autobiográfico se apresenta como uma estratégia de formação capaz de aproximar dimensões individuais e coletivas. Com isso, há o fortalecimento da identidade profissional, o estabelecimento de consciência crítica e o reconhecimento do papel do educador em um mundo em transformação. Nesse viés, narrar-se é um ato político: ao revisitar sua história, o professor realiza uma escrita de si no tempo presente e projeta possibilidades de futuro, suscitando sua existência como sujeito transformador e histórico.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, a Educação Crítica e o estudo de Narrativas no contexto da formação docente, se evidenciam como ferramentas que se complementam de maneira orgânica dentro do estudo de ensino e aprendizagem e formação de professores. Na medida que, as narrativas autobiográficas se mostram alinhadas com o que a Educação Crítica suscita como: a quebra de paradigmas, promoção de reflexão e pensamento crítico, ao colocar o indivíduo enquanto aluno ou professor como agentes transformadores do contexto no qual estão inseridos.

Tais fatores, mostram-se relevantes quando se diz respeito aos desafios suscitados na formação e atuação docente frente a um mundo conectado. Pois, sensibilizam o educador enquanto agente modificador do meio no qual está, bem como, para o entendimento de que o contexto socio-cultural vigente se evidencia no processo de ensino-aprendizagem.

Portanto, o educador pode refletir sobre os desafios e compreendê-los, bem como, contribuir para elaboração de ferramentas de enfrentamento a partir da análise da sua realidade. Nesse sentido, o método autobiográfico e a Educação Crítica convergem para uma ética da responsabilidade e do cuidado (BÁRCENA; MELICH, 2000), pois pensar a docência é também repensar o modo como nos relacionamos com o outro e com o mundo. A narrativa torna-se, assim, gesto político de resistência e esperança, capaz de reconstruir o sentido humano da educação em tempos de desconexão afetiva.

5. REFERÊNCIAS

- APPLE, Michael W. *Educação crítica: análise internacional*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- BAUMAN, Zygmunt. *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- BÁRCENA, Fernando; MELICH, Joan-Carles. *La educación como acontecimiento ético: natalidad, narración y hospitalidad*. Barcelona: Paidós, 2000.
- DA SILVA, Herbert Gomes; INFANTE-MALACHIAS, Maria Elena. Biologia da autonomia: a importância da temporalidade de Freire e do fenômeno histórico de Maturana para o ensino de Biologia. *Revista Inter-Ação*, Goiânia, v. 42, n. 1, p. 159–175, 2017. DOI: 10.5216/ia.v42i1.41637.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 32. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- JOSSO, Marie-Christine. O caminhar para si: Uma perspectiva de formação de adultos e de professores. v. 2. São Paulo. @ambienteeducação, 2009. p. 136 – 139.
- KENSKI, Vani Moreira. *Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação*. 8. ed. Campinas: Papirus, 2012.
- LARROSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre experiência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- NÓVOA, A. *O método (auto)biográfico e a formação*. Lisboa: MS/DRHS/CEAP, 1988.
- PASSEGGI, M. da C. A experiência em formação. *Educação*, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 147-156, maio/ago. 2011
- PASSEGGI, M. C. Reflexividade narrativa e poder auto(trans)formador. *Revista Práxis Educacional*. Universidade Federal do Rio Grande do Norte e Universidade Cidade de São Paulo. 2021.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *O futuro começa agora: da pandemia à utopia*. Coimbra: Almedina, 2020.